

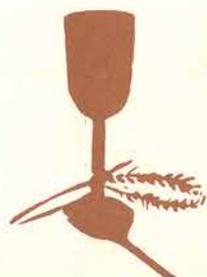
37.018.264 "1976"
CHA.



A CHAMA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES
DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Ano IV – nº 17 – dezembro de 1976



370

Dez/1976



A CHAMA

Volume IV — Nº 17 dezembro 1976

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

EXPEDIENTE

A CHAMA

Rua Cosme Velho, 241 — tel.: 285-0613
Larangeiras — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ

Planejamento, Produção, Arte e Impressão

Altiva Gráfica e Editora Ltda.
Rua General Caldwell, 316
Tel.: 252-5576 — Rio de Janeiro — RJ

Diretora Responsável

Maria Célia Bustamante

Supervisão Editorial

Pe. José Pires de Almeida

Capa e Desenhos

Maria Lúcia (Lula)

Contato de Publicidade

Marcos Fortes Santos

Colaboradores

Professores do Colégio

Os artigos assinados são de exclusiva
responsabilidade de seus autores.

Não devolvemos originais. Aceitamos
permutas com revistas do gênero.

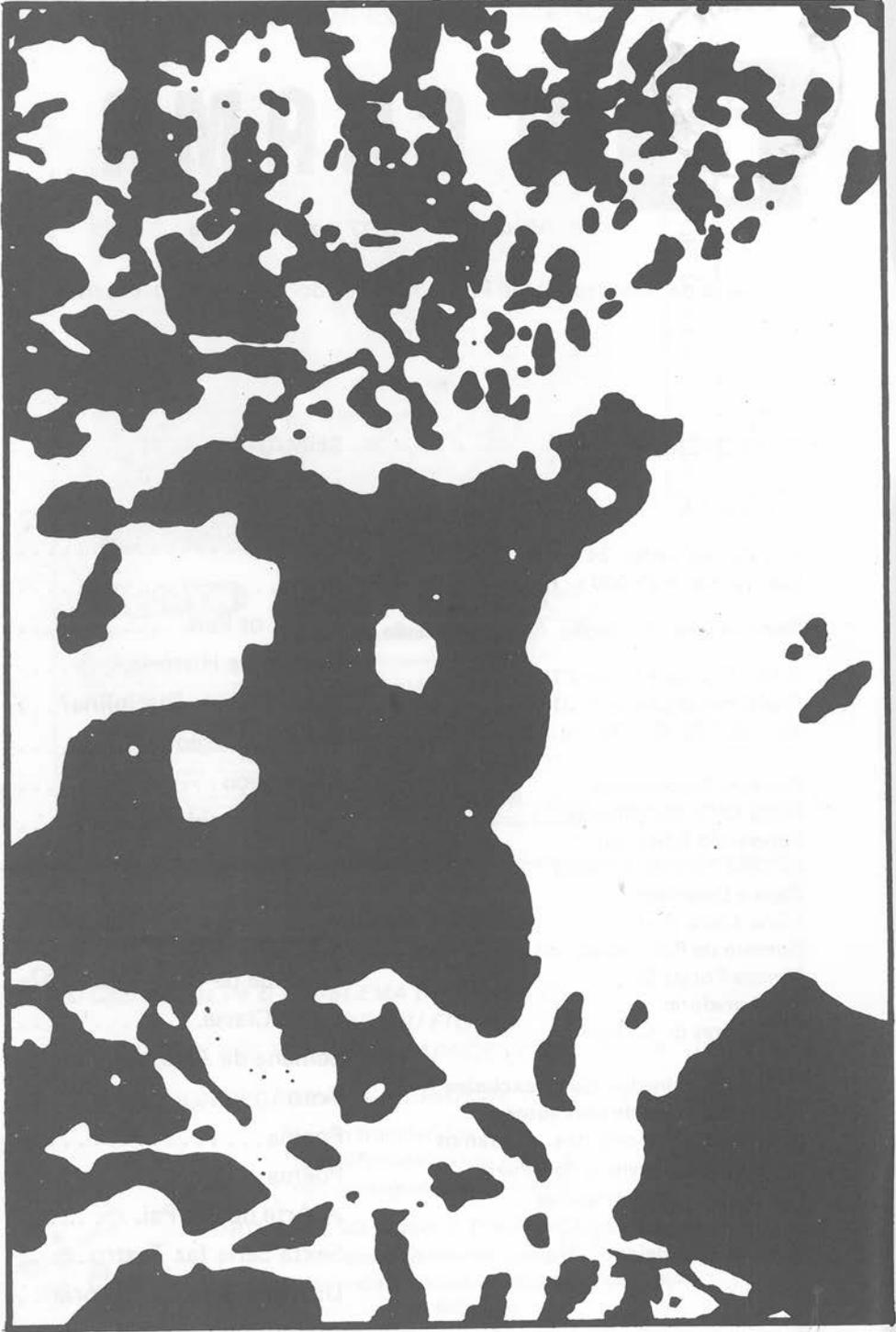
Tiragem: 2.000 exemplares

Circulação Dirigida

SUMÁRIO

Você será capaz.	2
Editorial	3
Prelo	4
Falam os Pais.	5
Estudo de História.	6
Disciplina ou Disciplina?	7
De um Estágio.	8
Calabouço	10
Apelo a Solidariedade	11
Coordenação em Foco.	12
Mensagem	13
Lição de Democracia.	14
Saudade de Ouro Preto	16
Extra-Classe.	18
Semana da Arte.	19
Foto	20
Poema	21
Poema	22
A Arte de Ser Pai.	23
Sexta Série faz Teatro	24
Um Mergulho na História	25
Quadrinhos	26
Papo Livre.	28

VOCE SERÁ CAPAZ DE ENXERGAR O CRISTO?



À primeira vista tinha-se a impressão de um descuido da tipografia. Um ajuste mal feito distribuiu a tinta informemente, lançando na superfície branca desconexos borrões pretos. Mas na parte inferior da gravura, uma pergunta fez alguém perceber que a aparente desordem fora intencional. Segundo as leis da gestalt possuía um significado profundo captado, exclusivamente, por pessoas de percepção mais aguçada.

A questão era simples: descobrir na sucessão de manchas pretas e assimétricas a figura do Cristo, cujo olhar tristonho parecia dizer: — Eu me fiz homem para que eles me encontrassem mais facilmente e para lhes trazer uma palavra de vida, e, no entanto quão difícil é para a humanidade perceber a minha presença e compreender a minha mensagem.

Formaram-se os grupos. Alguns procuravam identificá-lo e se empolgavam quando O descobriam; outros tentavam e, apesar da boa vontade, não o conseguiam; outros, indiferentes, não se davam ao trabalho de procurá-Lo.

A aproximação do Natal nos fez reviver a cena, transpondo-a para o cotidiano de nossa vida. Em suas pregações, carregadas de simplicidade, Cristo nos deu a entender que Ele estaria sempre presente entre os homens. Presença velada, discreta. Disfarçada na figura da criança que necessita do nosso amparo, do doente que requer o nosso desvelo, do pobre que solicita o nosso auxílio, do velho que consome a nossa paciência, do faminto que nos implora saciar-lhe a fome, do injustiçado que nos clama por justiça. Todos englobados na figura do próximo que nos incomoda porque está sempre a exigir algo que nos custa ou a nos recordar a nossa omissão.

Natal, tempo em que celebramos o renascimento constante de Cristo, nos dá a oportunidade de meditar em que proporção conseguimos perceber a Sua presença e se somos capazes de reconhecer-Lo nos variados disfarces que assume.

Ser cristão não é fácil nos dias de hoje. Pois a adesão à mensagem do Cristo requer autenticidade absoluta na vivência dos seus princípios. Dizer-se cristão e agir como se não o fosse é algo absurdo e chocante. Certo dia, ao terminar o Jornal Nacional, em que se noticiou a guerra no Oriente Médio, uma criança observou: — Isto é o que eu não consigo entender. Se eles tem o nome de cristãos como é que podem estar matando gente numa guerra?

Esta criança conhecia as palavras de Cristo: — Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.

E sabia perceber no próximo a presença do Cristo!



● **O HOMEM À PROCURA DE SI MESMO**
— Rollo May. Editora Vozes. Petrópolis

Rollo May, um dos mais lidos psicólogos do mundo, atualmente com clínica em Nova York, pela maneira interessante e fácil de dizer, agrada à primeira vista. Porque tem grande interesse pelo outro. Quer vê-lo livre de tudo aquilo que o escraviza. Diz o que todos precisam ouvir sobre a solidão e ansiedade do homem moderno, sobre a perda de certezas na atual sociedade em mutação, sugere valores e metas, soluções que talvez tragam coragem a liberdade. . .

● **NOVAS FORMAS DO AMOR** (o casamento e suas alternativas — Carl R. Rogers. Livraria José Olumpio Editora. Rio

Diz Rose Marie Muraro: "Talvez tenha sido este o melhor livro de Carl Rogers sobre o eterno e sempre irresolvido problema das relações homem mulher. . . E o que mais me fascinou neste livro foi que Rogers apresenta aquilo que ao ver dele é a perfeição da relação homem/mulher vivida como uma busca constante da satisfação ora do eu, ora do outro. E na medida em que essa busca vai se aprofundando, todas as sofisticacões, todas as complexidade vão sendo abandonadas e, passo a passo, vai se formando uma síntese que nada mais é do que a volta à simplicidade. . ."

● **O ADOLESCENTE E SEU MUNDO** — Anne-Marie Rocheblave-Spenle. Livraria Duas Cidades. Rio

138 páginas. Orientações para pais e educadores, para melhor eficiência no seu trabalho com adolescentes. A autora procura ajudar o educador a entender melhor o adolescente e o seu mundo. A adolescência é um "Valor".

● **ADOLESCENTES** — Revista "Pais e Filhos", edição especial de novembro de 76.

Adolescentes: seu mundo, seu corpo, sua família, sua escola, suas crises seu prazer.

● **Uma bibliografia sobre EDU**

● **Uma bibliografia sobre EDUCAÇÃO LIBERTADORA** (alguns já citados em números anteriores):

— Teoria e prática da liberdade, Educação como prática da liberdade, Pedagogia do oprimido, Ação cultural para a liberdade — Paulo Freire

— Liberdade para aprender — Carl Rogers
— Educação utilitária e libertadora — R. Barros

— A Igreja na atual transformação da América Latina á Luz do Concílio (Conclusões de Medellín). Editora Vozes. Petrópolis

— Teologia da Libertação: Gustavo Gutierrez. Editora Vozes — Petrópolis

— Educação Libertadora. Boletim da AEC do Brasil, ano 4, nº 16.

Prof. Wander Francisco de Paula
Orientador Educacional

FALAM OS PAIS



SERÁ QUE VAI DAR CERTO

Educação. Bem que gostaria de poder escrever com segurança sobre o assunto. Ter, ao menos uma certeza. Um certeza definitiva, uma certeza certa. Se a tivesse, uma só que fosse, eu a transmitiria a vocês, pais, mães, professores, alunos, filhos, filhas. E, humilde, mas convicto, daria uma colaboração, uma ajuda.

Tenho quatro filhos, duas meninas (meninas, moças, mulheres), uma de 16 outra de oito, e dois meninos (meninos, rapazes, homens), um de 12 outro de 10. Uma boa soma, uma boa e maravilhosa experiência.

Minha mulher, minha brava Salete, e eu nos esforçamos ao máximo (o que acredito, é o mínimo que se espera de pais) para acertar. Nos os queremos livres, com caráter, felizes. O resto não nos importa muito, ainda que seja bom vê-los com boas notas (o que nem sempre se consegue), limpos (às vezes é possível conseguir), obediente (isso é difícil), arrumados (quem tirou minha máquina do lugar?), amigos entre si (a última briga quase acaba no hospital).

Se em vez de chamar Carlos, eu me chamasse Coruja, quase diria que, até agora, eles só nos deram alegrias. Nós os sentimos livres (outro dia um deles me mandou para um lugar que já se diz em peça de teatro mas que ainda não se pode escrever), com caráter (foram dos poucos que se acusaram quando a patota da rua jogou pedra no telhado do vizinho) e felizes (quando a família reunida da de se gozar, é de morrer de rir).

Estarão mesmo felizes? Ou é apenas uma impressão de pai coruja? Esperamos que estejam. Terão suas angústias, suas neuroses. Mas quem não as tem no mundo moderno? O que esperamos é que possam conviver em paz com elas, aceitando-as num autoconhecimento que é a porta principal para a felicidade, a liberdade e o caráter.

Estarão mesmo livres? Ou é apenas uma impressão de pai coruja? Será que a coragem

de dizer sempre o que pensam, a quem quer que seja não os irá criar dificuldades pela vida? Ou será essa coragem a porta principal para a felicidade, a liberdade e o caráter.

Estarão mesmo com caráter? Ou é apenas uma impressão de pai coruja? Essa capacidade de assumir as coisas que fazem, tendo liberdade para fazê-las, mas, sabendo, que por tudo se paga um preço, talvez seja a porta principal para a felicidade, a liberdade e o caráter.

Se tudo for conseguido, talvez não saibamos explicar, minha mulher e eu, como o conseguimos. Sabemos que nunca mistificamos nada, que sempre lhes dissemos a verdade (ou pelo menos a nossa verdade) sobretudo, seja qual for o assunto (de sexo a futebol) fosse qual fosse a idade. Que sempre lhes demos liberdade de escolher, de falar, de pensar, até de não fazer. Que sempre os elogiamos (às vezes até demais) quando os encontramos em acertos e que sempre os repreendemos (às vezes até às palmadas) quando os encontramos em erro. Sabemos, também, que nunca fizemos muita questão de educá-los, no sentido mais comum e menos importante da palavra.

(E aqui, até pergunto, será que algum pai consegue educar seu filho? Mas isso é outra história, outro artigo).

Sabemos que os amamos muito, não com o amor sufoco, ou o amor paparico, mas com o amor troca (de carinho e de divergências também). Sabemos que procuramos despertar-lhes o amor e o respeito ao ser humano, à família, à sua cidade ao seu estado, ao seu país (o governo é outro papo).

Sabemos que a felicidade deles talvez não venha a ser a nossa.

O que eu não sei, é se tudo isto vai dar certo. E o que eu não sei, também, é se meus filhos concordam com esta crônica.

Carlos Lemos

ESTUDO DA HISTÓRIA

“Os dilemas do conhecimento social no interior da Escola”

A instituição escolar é antes de tudo o lugar socialmente estabelecido para a transmissão, e principalmente reprodução, de um “saber instituído”. Esta sua posição institucional, seu próprio papel social, na maior parte dos casos leva a que o conhecimento por ela veiculado seja “conservador”. Mas se o social é dinâmico, um processo ininterrupto de transformações, quer progressistas, quer regressistas, o conhecimento das mutações das relações que os homens travam entre si e com a natureza, na sua “praxis” transformadora, entra em contradições com qualquer espírito acrítico, com qualquer função de conservação. O conhecimento do social é polêmico porque crítico, causa transtornos porque político, e ameaça por abordar diretamente os problemas fundamentais da existência dos homens, enquanto “seres sociais” no interior de formações sociais historicamente determinadas.

Portanto, uma análise científica do social impõe o distanciamento da visão tradicional, “academicista”, que confundia o acúmulo de conhecimentos linearmente organizados com os desdobramentos objetivos do real. A visão das ciências sociais, modernamente, não capta a realidade social como um depósito de experiências acumuladas pela humanidade, mas como um processo descontínuo e contraditório do qual podemos extrair algumas “leis” sociológicas. A partir do estudo das grandes experiências coletivas da humanidade, podemos captar as transformações que marcam as nossas relações no interior da sociedade, penetrando no universo polêmico da História.

Sendo a mudança a própria essência do social, o estudo da História numa perspectiva factual, e particularmente quando se prende ao nível jurídico-político torna-se um simples relato, uma compilação de informações sem maiores conseqüências. Cabe ao transmissor da análise histórica relatar os fatos que se passaram e como se passaram. Isto porém não basta. Segundo a própria narrativa, é preciso que se veja claramente porque os fatos aconteceram desta e não de outra forma. Os acontecimentos não poderiam ser considerados como um encadeamento de aventuras, nem inseridos, uns após outros, num fio de moral preconcebida. Devem permanecer conformes à sua própria lei racional. É na descoberta desta lei íntima que o professor de História deve ver sua missão.

No São Vicente de Paulo os professores de História, nos limites em que a atividade didática o permite, atuam dentro desta perspectiva. O que por si não basta para que seus cursos tenham um caráter inovador. Mas, graças a uma liberdade de orientação e discussão que encontram no Colégio, puderam de fato inovar e tornar mais atraentes o curso de História. A abordagem de temas contemporâneos, que motivam mais a participação dos alunos, além de permitirem o desenvolvimento de um trabalho crítico, inclusive do conhecimento transmitido pelo professor, e a ênfase dada ao estudo dos problemas do mundo dito subdesenvolvido (América Latina, África e Ásia), são fora de dúvida inovações, que instrumentalizam o estudante à intervir de forma ativa no mundo que o cerca. Contribuindo para a formação de “homens-sujeito”, isto é, para o surgimento de pessoas mais conscientes do seu papel ativo na vida social. Pois que conhecendo os limites do social é que os homens podem melhor intervir no desenvolvimento e transformação da sua sociedade.

*Pedro Cláudio Bocayuva
Prof. Hist. 2º grau*

disciplina ou DISCIPLINA?



Há precisamente oito anos que o Colégio São Vicente implantou a "Educação Libertadora" como Lema de educação.

A criatividade, o diálogo, a liberdade. É claro, que aos poucos, ela vai sendo aperfeiçoada, pois, seria utopia dizer que se alcançou a perfeição.

O setor da disciplina foi o que mais se modificou no decorrer destes anos. Quem viveu no São Vicente, seus momentos de colegiado, desde a fundação até os anos de 1967 e o vê hoje, estranha, e comenta: — Que beleza!; no meu tempo não era assim. Não me esqueço de uma frase dita, há alguns anos, pelo presidente da associação de pais daquele período, para os pais de alunos novos, reunidos no auditório do colégio:

Se virem o colégio em funcionamento, vão ter a impressão de desordem, mais podem ter certeza, é uma bagunça organizada".

Tudo aquilo que não tinha sentido, tudo aquilo que, ao invés de corrigir, revoltava, foi sendo abolido aos poucos.

Existem ainda punições no ginásio. Compreendemos que, nem sempre, diálogos e conversas, na faixa etária de 6ª, 7ª e 8ª bastam. Quando há necessidade, elas são aplicadas, com critério, fazendo com que o aluno entenda por que se fez merecedor do castigo.

São raros os casos em que a punição não tenha efeito positivo, quando aplicada após conversas com a coordenação de disciplina e, algumas vezes, com o SOP e SOE.

Cabe ressaltar que, a suspensão, após sua modificação, surte mais efeito. O aluno, quando era suspenso, ficava em casa, e gostava, pois, curtia sua práia tranquilo, ou ia para o cinema, Voltava todo satisfeito no outro dia. Hoje, passa o dia no colégio, fazendo trabalhos toda a tarde. Termina o dia chateado, cansado mesmo e, quase sem exceção, eles prometem não fazer por merecer mais esta punição.

É bom, no entanto, que fique bem claro: A punição no São Vicente não é um fim, mas um meio, que ajuda os alunos a se orientarem e a se educarem.

No segundo grau já é bem diferente. Só o diálogo é usado e, se ele não conseguir entender a filosofia do colégio, o colégio não terá mais ambiente para ele. Se não demonstrar responsabilidade, não terá condições de se educar, mas, se deseducará e será um elemento que só atrapalhará o bom andamento de tudo que existe e se faz no colégio.

Felizmente, são poucos estes casos, o que nos anima a "tocar o barco" e, nos faz ver, que o caminho que empreendemos com coragem, desafiando a todos que nos criticavam, era certo.

A resposta para o nosso trabalho, para nosso esforço, temos certeza, virá daqui há alguns anos, pelo ingresso no colégio, dos filhos de nossos ex-alunos.

Guimarães
Coordenador de disciplina



“... DE UM ESTÁGIO NO SÃO VICENTE...”

Antes de mais nada é bom lembrar que esse artigo deixa passar demais a minha empolgação com a linha de trabalho do Colégio. Vocês não vão encontrar no texto, os aspectos negativos que o colégio (como toda a instituição educacional inserida num contexto) certamente possui.

Um colégio grande e particular na zona sul do Rio.

Já ouviram falar do São Vicente? Colégio de padres. Mas não como aqueles de disciplina rígida, ensino acadêmico, porque afinal o São Vicente acompanhou as transformações.

Pois é:

- os tempos mudam: e os que não querem parar no tempo e no espaço, buscam sempre novos horizontes.
- a nossa realidade exige: e os que não querem ficar alienado, traçam sempre novos caminhos.
- o próprio “Homem” precisa: e os que ainda pretendem ser “homens”, criam novas perspectivas para a humanidade.

Descobri na linha do trabalho do São Vicente um sentido existencialista de vida de educação: iniciativas tímidas, outras mais arrojadas... mas sempre tentando, e sempre fazendo as coisas acontecerem (Um colégio que faz acontecer está trabalhando de verdade: está suprimindo o hiato PLANEJAMENTO — AÇÃO em educação).

Isso não quer dizer que as coisas andem sempre bem. Se tudo fosse direitinho seria de se estranhar!

OBSERVAÇÕES:

1ª — Temos o colégio (como todos os outros) inserido num contexto maior que é a nossa sociedade. E aqui no São Vicente podemos identificar como as duas características da educação estão sempre em cena: (1ª) — a **ação conservadora da educação**, transmitindo velhos valores e conceitos prontos; (2ª) — a **ação renovadora da educação**, dando oportunidade para os alunos descobrirem, se construírem, e enxergar mais adiante. Mas o mais importante é que a equipe de professores e coordenadores do São Vicente está tentando minimizar a primeira característica e incrementar a segunda, dentro do colégio. Aí é que entra a 2ª OBS.

2ª — O Colégio conta com uma boa equipe de educadores, que são bem remunerados. Mas independente disso a equipe está (pelo menos uma parte dela) bem entrosada (engajada numa mesma linha de trabalho: No São Vicente (como em todo colégio) tem sempre um grupo com mais garra, mais entrosado, que dinamiza o ambiente e as atividades do dia a dia.

"PARÁGRAFO ÚNICO": Não posso entrar muito em detalhes do 1º grau do São Vicente que conheço pouco. Minhas observações se ligam mais ao 2º grau, onde estou estagiando.

3ª — Mas acho que não escapa a ninguém o fato dos alunos do 2º grau "fazerem acontecer mais coisas" do que o resto da garotada. Por que só a partir de uma determinada série os alunos começam a acordar para o que eles podem fazer? Em todas as idades as pessoas podem bolar e realizar coisas, "botar pra quebrar", fazer realmente acontecer (enriquecendo o currículo pleno do colégio).

A INICIATIVA dos alunos está diretamente ligada à EDUCAÇÃO LIBERTADORA (semente que o colégio São Vicente faz crescer dia a dia).

4ª — Ainda existem as atividades extra-classe.

Por que não integrar ao núcleo comum atividades que são tidas como extra-classe? A redação do jornal "COMUNICADO" por exemplo; ou o espetáculo "CALABOUÇO" .. que são a própria vida do homem na literatura, na música, no teatro. . .

É verdade que a equipe de educadores que faz a avaliação final dos alunos do S.V., leva sempre em consideração a participação de cada aluno em atividades extra-classe. Mas por que não integrar essas atividades se elas são a vida?

Por que ainda se exige dos alunos resultados estáticos (como o resultado de uma equação, por exemplo) ao invés de avaliar o aluno na sua performance da vida. . . (na experiência onde ele utiliza essa dita equação) ???

POR INCRÍVEL QUE PAREÇA: As atividades ainda tidas nos colégios como extra-classe, dão muito mais, ao aluno, um sentido. . . um porque do "ensino" — nas outras "matérias" ou "áreas de concentração" são poucas as atividades que dão ao aluno a verdadeira dimensão da vida — lá de fora.

Paula Saldanha
Estagiária de Supervisão Escolar da
Faculdade de Educação da UFRJ



ALGUMA DATA A COMEMORAR?

NÃO SE PREOCUPE. CHAME O

ISIDRO

Jantares — Recepções
Bebidas, Salgadinhos e Doces

E TODO O MATERIAL NECESSÁRIO A SUA FESTA



Rua Davi Campista, 35 — tel: 226-5851
Botafogo — Rio de Janeiro — RJ.

CALABOUÇO

Assisti à peça "Calabouço". Não como redatora de A CHAMA, nem como Vice-Presidente da APM. Mas como mãe de uma jovem que encontra no teatro sua grande realização e que deu o melhor de si — disto tenho certeza — para transmitir aos outros uma mensagem que lhe parecia traduzir os valores nos quais acredita.

Sei que as opiniões sobre a peça foram as mais diversas. Ouvei o grupo ser criticado por ter escolhido um tema fora de sua realidade cotidiana. Pessoalmente, discordo desta crítica; pois, o que percebi na peça como um todo foi um grito de protesto contra a opressão e a violência. Ninguém pode negar que estas estão presentes na realidade humana através dos tempos e com elas se construiu a História.

O clamor dos jovens foi justo, pois, o que os revolta são a opressão e a violência em si mesmas, independentemente do lugar em que são praticadas: Rússia, Hungria, Oriente Médio, Belfast, África, Nordeste Brasileiro ou favela carioca.

Ambas são fruto da intolerância, da ambição, da falta de compreensão e de amor com o próximo, aspectos tão bem focalizados através da História na obra prima de Griffith: "Intolerância". O filme, apesar de rodado na fase do cinema mudo, alcançou desde o lançamento, e alcança ainda hoje, os mais calorosos aplausos.

O grupo de "Calabouço" fez o que pode. Como amadores estiveram esplêndidos.



Apresentaram-se num ambiente restrito; mas tiveram a coragem de, diante dos colegas, demonstrar uma atitude e erguer o seu protesto. O importante é que tal atitude não seja apenas um momento de empolgação que esmoreça ao terminar o espetáculo.

É necessário que esses jovens assumam como valores reais de suas vidas o amor à justiça, à liberdade ao bem comum e a constante preocupação com o próximo. Se a juventude de hoje critica a incoerência do mundo é necessário que ela comece desde já a viver de modo coerente com os princípios que defendem.

Que os jovens não se esqueçam nunca de que há prisões sem grades e prisioneiros sem algemas e que muitas vezes é o próprio Homem que constrói seu calabouço deixando-se envolver, imperceptivelmente, pelos laços do egoísmo, da ambição ou da indiferença.

Maria Célia Bustamante

APELO À SOLIDARIEDADE

Não é de hoje que a CHAMA vem recebendo pedidos de diversas mães para que faça um apelo à solidariedade no que se refere ao problema de condução dos alunos. Atualmente, com a campanha do governo de economia de gasolina, o momento nos parece muito oportuno. Aqui vai pois a sugestão solicitada: que as mães que disponham de vaga em seus carros — que muitas vezes levam ao Colégio apenas uma ou duas crianças — coloquem à disposição de outros alunos as vagas existentes.

Com isso economizariam combustível e teriam sua despesa dividida entre os caronas que levassem. A CHAMA vem lutando, há quatro anos, para incentivar uma aproximação maior entre as famílias do São Vicente e vê nesse motivo uma ótima oportunidade de ajuda e de participação.

Não queremos com esse apelo prejudicar o transporte coletivo dos ônibus do Colégio. O problema é que muitas crianças não suportam o longo percurso — às vezes têm que

permanecer no ônibus cerca de uma hora — e chegam ao colégio indispostas e cansadas, o que lhes prejudica o rendimento escolar.

Outro problema é o das mães que estudam ou trabalham e que ficariam bem mais tranquilas sabendo que seus filhos não terão que enfrentar a perigosa travessia das ruas nem os ônibus superlotados das linhas que atendem à zona de Laranjeiras.

O apelo está sendo feito com bastante antecedência para que as mães possam deixar na secretaria do Colégio os seus nomes, indicando a lista em que devem ser inscritos: lista de oferta ou de procura, deixando o endereço e o nome do aluno acompanhado do número da turma. Em fevereiro as interessadas deverão procurar o Colégio para acertarem os detalhes.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: O Colégio não se responsabiliza pelo acordo entre as mães. Servirá apenas de intermediário para as listas. O contato será direto de mãe para mãe.

COORDENAÇÃO EM FOCO



EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Tivemos entre nós o Pe. Luis Carlos, especialista em educação, que durante dezesseis horas, nos fez reviver, aprofundar e reassumir nossos compromissos com a Filosofia Educacional do Colégio. Esta é voltada para a educação libertadora. Ninguém é livre só no papel. É-se livre no processo existencial da vida.

Por isso o "curso" não foi conferência, não foi apostila, não foi teorização, não foi a confirmação de auto-suficiências suicidas. Tentou-se existir o processo da educação libertadora.

Para se viver a liberdade no processo de libertação observamos quatro fases:

- 1 — a experiência da consciência crítica;
- 2 — a experiência da opção libertadora;
- 3 — a experiência da ação transformadora;
- 4 — experiência da avaliação crítica.

Tudo isto vivido em permanente clima de interpelação da realidade:

- 1 — por que?
- 2 — para que?
- 3 — como?
- 4 — que dificuldades?

CONSELHOS DE CLASSE

Os Conselhos de Classe de 6º, 7º e 8º séries deste ano foram o palco de uma das mais importantes transformações no 1.º grau (2ª fase).

Todos estão cientes das mudanças ocorridas no sistema de promoção dos alunos: a promoção passou a basear-se na demonstração do esforço individual e continuado durante todo o ano letivo.

Com a valorização das notas bimestrais, os professores sentiram necessidade de informações mais abrangentes sobre o aluno, para fundamentar um julgamento mais próximo da verdade. Os Conselhos de Classe, já em realização no São Vicente, ganharam a importância e se firmaram como uma parada para uma reflexão de nossas experiências cotidianas na escola, voltada para a avaliação global do aluno. Falhas ocorreram e ocorrerem, cabe continuar tentando, visto que, os frutos destas atividades serão benéficos a todos os participantes de nossa comunidade escolar.

SAUDAÇÃO DE NATAL

*Saudação de Natal é necessariamente a de Belém:
"Gloria a Deus nas alturas; Paz aos homens na terra".*

*Paz conquistada com altíssimo preço: "Sendo igual a Deus,
aniquilou-se, fez-se carne"; "sendo rico, fez-se indigente,
para com a sua Pobreza nos enriquecer".*

*Paz, fruto da Esperança, virtude dos fortes, dos jovens
de espírito.*

*Que nosso Natal ultrapasse a fase dos regozijos infantis
que denominamos alegrias; que não se enrede no saudosismo
fácil das mentes idosas.*

*Que ele se situe, como cabe a cristãos, na linha da Esperança,
afim de que seja de fato um Natal de Paz!*



*São os votos do
Colégio São Vicente de Paulo a todos os seus amigos, a
toda sua grande família.*

Rio, dez.. 76

Pe. Almeida

LIÇÃO DE DEMOCRACIA



Sou de uma geração em que a autoridade era imposta no sentido vertical. De uma geração em que o diálogo só existia quando havia equilíbrio de forças. De uma geração em que os chefes eram chefes e os subordinados, subordinados. E as coisas andavam em ordem e tudo parecia caminhar em paz. Assim era no ambiente familiar, na escola, no trabalho e no relacionamento entre as pessoas. Isso acontecia nos anos 40, num regime patriarcal imposto pela colonização portuguesa, lá no norte do país.

Felizmente para todos nós evoluímos em todos os sentidos. As novas gerações abrindo novos caminhos nos trouxeram uma concepção de vida bastante diferente daquela em que fomos educados.

Mas, e os valores rígidos em que acreditávamos? E os princípios rigorosos de disciplina que nos foram impostos? O respeito irrestrito aos professores ao ponto da turma toda levantar-se quando o mestre entrava na sala de aula? mudou para pior, mudou para melhor?

Estas considerações fazíamos a nós mesmos quando estávamos sentados para uma reunião de pais e alunos com a diretoria e orientadores do São Vicente de Paulo.

O motivo da reunião: a total impossibilidade de manter um nível disciplinar mínimo para que pudessem ser ministradas aulas à turma C da 2ª série do 2º grau.

Foi aí, precisamente que os acontecimentos tomaram rumo diferente. Os alunos presentes já tinham escolhidos os seus representantes e reivindicaram o direito de serem ouvidos no decorrer dos debates e não após os mesmos, uma vez que estavam ali, segundo, eles, na posição de culpados, de réus.

O diretor do Colégio, Padre Almeida, iniciou a reunião dizendo que "o Colégio São Vicente de Paulo têm por ideal proporcionar a todos, especialmente aos alunos, um ambiente de bem-estar, de amizade e de diálogo que favoreça o desenvolvimento da personalidade e no qual todos se eduquem na liberdade pela responsabilidade, no espírito de criatividade, de iniciativa, na aquisição ou aperfeiçoamento de senso crítico, na visão global do mundo e numa integração consciente à realidade". "E que estes pontos de referência eram, além do Evangelho e demais livros sagrados, os Documentos do Concílio Vaticano II, oficialmente interpretados para a América Latina e para o Brasil e a Declaração os Direitos do Homem (ONU).

Disse ainda o Padre Almeida de sua decepção, amargura e até revolta pelo comportamento decepcionante daquela turma escolhida precisamente entre os alunos que nas séries anteriores já vinham se destacando entre as melhores. Daí a sua perplexidade, daí ter convocado aquela reunião: o diretor e os orientadores exporiam os fatos e se seguiriam os debates com os pais.

A partir deste momento, tudo se transformou. O que seria um julgamento sumário, transformou-se em um tribunal de Juri. De um lado o Juiz (o diretor e os orientadores) de outro os jurados (os pais); e do outro, os réus (os alunos).

E o que aconteceu, então, foi extraordinário.

Ouvimos os orientadores responsáveis declararem sua perplexidade por não terem conseguido impor disciplina à turma, embora reconhecendo que a indisciplina era da turma como um todo e se resumia em um falatório incontrolável.

Ouvimos os representantes dos alunos e os próprios alunos que intervieram nos debates assumiram a sua responsabilidade, reconhecendo que procediam as acusações que lhes estavam sendo atribuídas.

Ouvimos também os pais extremamente nervosos e preocupados, indagando porque somente quase no final do ano letivo a direção do Colégio tomara aquela providência.

Então nos perguntamos: e a disciplina, como era imposta naquele Colégio? Porque não foram desligados os alunos que mais contribuíram para a indisciplina? Estaria havendo excessos de liberdade? Ou omissão dos orientadores? O que estaria acontecendo na verdade?

Confesso que pensamos em nos retirar do auditório. Não entendíamos porque a disciplina não era imposta da maneira que aprendemos: no sentido vertical absoluta e autoritária.

Foi quando ouvimos de um dos orientadores o seguinte: para nós, orientadores, teria sido muito fácil impor a disciplina; bastava desligar do Colégio os alunos mais rebeldes e impor regras bastantes rígidas. No entanto, fiéis a doutrina educacional do Colégio inicialmente exposta pelo diretor, é que estamos aqui reunidos buscando encontrar soluções.

E foi aí, precisamente neste ponto, que começamos a entender a extraordinária filosofia educacional do Colégio São Vicente de Paulo.

E compreendemos emocionados a humildade cristã do Padre Almeida, diretor do Colégio e dos orientadores presentes. A grandeza de ouvir críticas, algumas justas e outras incompreendidas, a promessa e o de-

sejo de encontrar soluções. E sobretudo, manter intacta a filosofia educacional do Colégio.

Emocionados ficamos também quando ouvimos os alunos, jovens todos, desejando encontrar um caminho prometendo um comportamento melhor, desejando seriamente permanecerem no Colégio, que reafirmaram amar e nele permanecer.

E os pais, na medida em que os fatos iam sendo analisados, mostraram-se todos dispostos a apoiar o apelo dos orientadores, e influir mais diretamente junto aos seus filhos para a solução do problema comum.

E como disse o pai de uma aluna: "Desta turma podem não sair as alunas mais brilhantes intelectualmente, mas sairão, certamente, líderes".

E a nós mesmos perguntamos: se a filosofia do Colégio é perfeita, se acabamos de presenciar uma lição de democracia, se ouvimos os jovens alunos nada reinvidicarem e sim defender os seus pontos de vista, se os pais apoiaram os seus filhos e a direção do Colégio, então aonde estava o conflito? Estaria localizado no corpo docente constituído em parte por professores, imbuidos inteiramente da filosofia educacional do Colégio ou nos outros professores vindos de fora e sem a necessária preparação para entender e aplicar aquela orientação?

Estaria havendo excessiva liberdade com a preocupação de não reprimir o direito de opinião?

Temos a firme convicção de que a sabedoria maior que norteia e orienta o Colégio saberá encontrar o caminho.

E quando tudo terminou ficamos com a certeza de termos tido o privilégio de assistir a mais legítima manifestação de democracia. Apesar de algumas críticas por vezes veementes e até extremadas, permaneceu intacta a mensagem dirigida no início da reunião pelo Padre Almeida:

"De proporcionar a todos especialmente aos alunos, um ambiente de bem estar, de amizade e de diálogo, o desenvolvimento da personalidade e no qual todos se eduquem na liberdade pela responsabilidade, na visão global do mundo e numa integração consciente a realidade."

*Luiz Lima
pai de um aluno do 2º ano colegial*



SAUDADE DE OURO PRETO

"Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto".
Manuel Bandeira.

Aqui estou eu, escalado para resumir na Chama, as impressões de cinco dias de andanças pelo barroco mineiro, com trinta e seis alunos do 3º colegial a turma que está se despedindo do Colégio. Sinto uma dificuldade enorme: a mesma que senti, ano passado, em levar para a sala de aula. Aleijadinho e Ataíde, Ouro Preto e Maraiana, Profetas e Passos.

Trata-se agora de trazê-los para esta folha, que contemplo indeciso. Pior ainda: este ano, vejo Mariana e vejo também um bando de jovens que estimo, andando por suas ruas seculares, com olhos cheios de carinho e curiosidade para as casinhas coloniais, para a gente simples que nos sorri com simpatia; vejo Tiradentes e vejo também faces surpresas, descobrindo que o Brasil brasileiro ainda existe. Até quando?

Ano passado, diante da frustração, da impotência, da incompetência — todas minhas — tomei uma decisão: "Isto aqui, só mesmo lá". Foi por isso que, quando começava a madrugada de sábado, 30 de outubro, vimos ao longe as luzinhas de Ouro Preto adormecida.

*"Dorme, Ouro Preto reclusa,
Dorme, trágica Ouro Preto,
Dorme, Ouro Preto assombrada,
O sono da libertação".*

Pois agora, o problema é esse: trazer para aqui Catas Altas e Lucianas, o Caraça e André, Congonhas e Marcelo.

Por exemplo: por sugestão de Pe. Almeida, que sabe das coisas de lá, fomos bater, domingo de manhã, num sobrado de Mariana, a Rua Direita, a única da cidade que é. Iamos assistir ao ensaio da "Banda União XV de Novembro" que, há 75 anos, luta pela sobrevivência, para o que conta, inclusive, com a verba de 200 cruzeiros anuais que a Prefeitura lhe destina. Pois bem, em lá chegando, já alguns músicos dedilhavam seus instrumentos, enquanto uns pirralhos — seus filhos? — de dez, doze anos, sentadinhos nos bancos encostados às paredes, observavam. Confraterminzamos. Depois, chegaram os outros músicos, o maestro. Tudo pronto, nós sentados na platéia, e eis que os pirralhos pegam seus instrumentos — pistões, saxofones pratos — e, ao lado de velhos de cabelos brancos, mandam de lá a Aquarela do Brasil, Os Contos dos Bosques de Viena, a Polca peça de bravura do maestro Antônio Miguel, o fundador da banda, e que tem pelo menos dez finais apoteóticos. Ó emoção! Como agradecer? Mobiliza-se o grupo do chorinho: música deve-se agradecer com música. E logo Rosane e flauta, Clarinha e cavaquinho, Sandroni e violão, Ricardo e pandeiro agradecem, obrigado, meus patrícios, perseverem, não os esquece-

remos. E descemos as escadas com a Cidade Maravilhosa. Meninos, quem não viu, não pode saber! Exemplo:

“Minha alma sobre ladeiras,
Minha alma desce ladeiras,
Com uma candeia na mão,
Procurando nas igrejas,
O gênio das Minas Gerais
Templos de Minas Gerais,
Das cidades e arraiais,
Templos em pedra-sabão
De Sabará e Mariana,
De Ouro Preto, de Ouro Branco
De Brumado e Catas Altas,
De Santa Rita Durão,
Santa Bárbara, Congonhas,
Cachoeira, São João del Rei,
Tiradentes, Caeté,
Quantas vezes meditei
Os novíssimos do homem,
Que o século não consome
Nem a ciência destrói,
Nesses templos soberanos,
De riscos audaciosos,
De curvas acentuadas,
De linhas voluptuosas,
Íntimos, doces, profanos
Que inspiram poesia e dó,
Nesses Carmos e Pílares,
Nesses Rosários e Dores,
Nesses Perdões e Mercês,
Em São Francisco de Assis,
Em Nossa Senhora do Ó!”

E de repente, vulto branco no verde das matas a perder de vista, a incrível igreja gótica do Caraça, com sua retilínea verticalidade, sua frieza nórdica, depois de tanto barroco alucinado. Exemplo? O jovem e querido Alceu de Amoroso Lima, discursando — conversando na Casa dos Contos, 37º aniversário do Liceu Literário Ouro-Pretenso, do qual é presidente honorário, admirado “dessa instituição que sobrevive, numa terra em que tudo que é institucional passa logo, exceto. . .”; e o Coral de Ouro Preto cantando modinhas de Diamantina; e o querido André Luiz, que aqui andou pelo São Vicente com seu curso de apreciação musical, cuja meio fundida, agora novinho em folha em Tiradentes, organizando o coral, ensaiando a Sinfônica de São João; e o guiazinho de Mariana, falando dos anjinhos de Aleijadinho, “cabelinho caído na testa, ôio esbugalhado, buchechudinho, covinha no queixo, é do Aleijadinho.” Vocês me desculpem mas não sei trazer tudo isso para cá.

Meus amigos, meus inimigos, vão lá. Nas biroschas de Santa Rita Durão não tem mais pé-de-moleque nem rapadura. Tem chiclete de bola e mentex. Nas noites frias de Santa Bárbara, não tem mais ensaio da banda. Tem Estúpido Cupido. Precisamos salvar a nossa brasilidade. Precisamos nos salvar.

Jorge Luiz, professor e coordenador
auxiliado por um poema de Murilo Mendes

JORNAL – 7ª SÉRIE – No mês de outubro saíram os jornais das turmas 71,72,73, criados através da iniciativa do professor André (Português). Este trabalho visava dar maior iniciativa aos alunos e lhes proporcionar a oportunidade de desenvolver suas opiniões livremente.

FEIRA DE CIÊNCIAS – Mais um sucesso. Neste ano participaram do Clube de Ciência 160 alunos das 5ªs, 6ªs, 7ªs, e 8ª séries. Desses 99 participaram da feira apresentando 27 projetos sendo: 5 da 5ª série, 8 da 6ª série, 13 da 7ª série e 1 da 8ª série. Os trabalhos foram orientados pelo professor Jacob e Paulo.

MINI-FEIRA DE COMUNICAÇÃO – TURMA 65 – Realizou-se nos dias 9 e 10 de novembro a Mini-Feira de Comunicação, após um trabalho preparatório, que durou exatamente um ano letivo, sob orientação vibrante da mestra Chica.

Tudo se organizou a partir do estudo do processo da comunicação.

Enfatizamos, na Feira, os recursos e técnicas disponíveis para a Transmissão/Recepção de mensagens. Visitamos redações de jornais, mantivemos contato com publicitários e com técnicos em editoração.

A feira foi discreta, simples, mais curtida com enorme entusiasmo pelos garotos da meia cinco.

Valeu a pena.

Aliás. . . "Tudo vale a pena, se a alma não é pequena".

FEIRA DO LIVRO – Atividade tradicional no Colégio, suprimida por três anos, pois necessitava de sangue novo. Em 76 foi retomada, em menores dimensões, porém com substancial lucro em interesse, participação e controle da Escola. Circunscrita ao âmbito da nossa Biblioteca, nos seus 8 dias de duração foi intensamente procurada pelos alunos e por eles gerida sob a orientação geral de nossas bibliotecárias. Segundo elas (Fátima, Zezé e Stella) Constituiu-se num sucesso em termos de leitura, curiosidade e vendas.



I CONCURSO DE FOTOGRAFIA – 1º GRAU – Treze fotos estão participando do I Concurso de Fotografias (6ª, 7ª, e 8ª séries).. O julgamento está sendo feito por uma Comissão integrada pelos professores da área de Comunicação e Expressão.

Levando-se em conta o fato de ser este o I Concurso na área do 1º Grau o material colhido está agradando e algumas fotos refletem com muita precisão e inteligência a idéia do tema: "E agora José?".

Para 77 as perspectivas nos parecem extremamente promissoras.

GENTE MIÚDA TAMBÉM TRABALHA – Vibração total. Uma exposição onde cores e formas surgiram em diversos materiais. Confesso que me encantei com o conjunto apresentado.

Cada trabalho refletindo o clima de liberdade da sala de aula, a coesão do elemento ao grupo, a liberação de potencialidades criadoras.

Vi mãos que sentem mais do que tocam, que redefinem e reorganizam.

Aos artistas mirins parabéns pelas composições, pelo show de bom gosto, pelas mensagens de ternura na SEMANA DA CRIANÇA.

Ivonilde Vasconcelos
Alfabetização 2

SEMANA DA ARTE

PROGRAMAÇÃO

25 a 29 de outubro

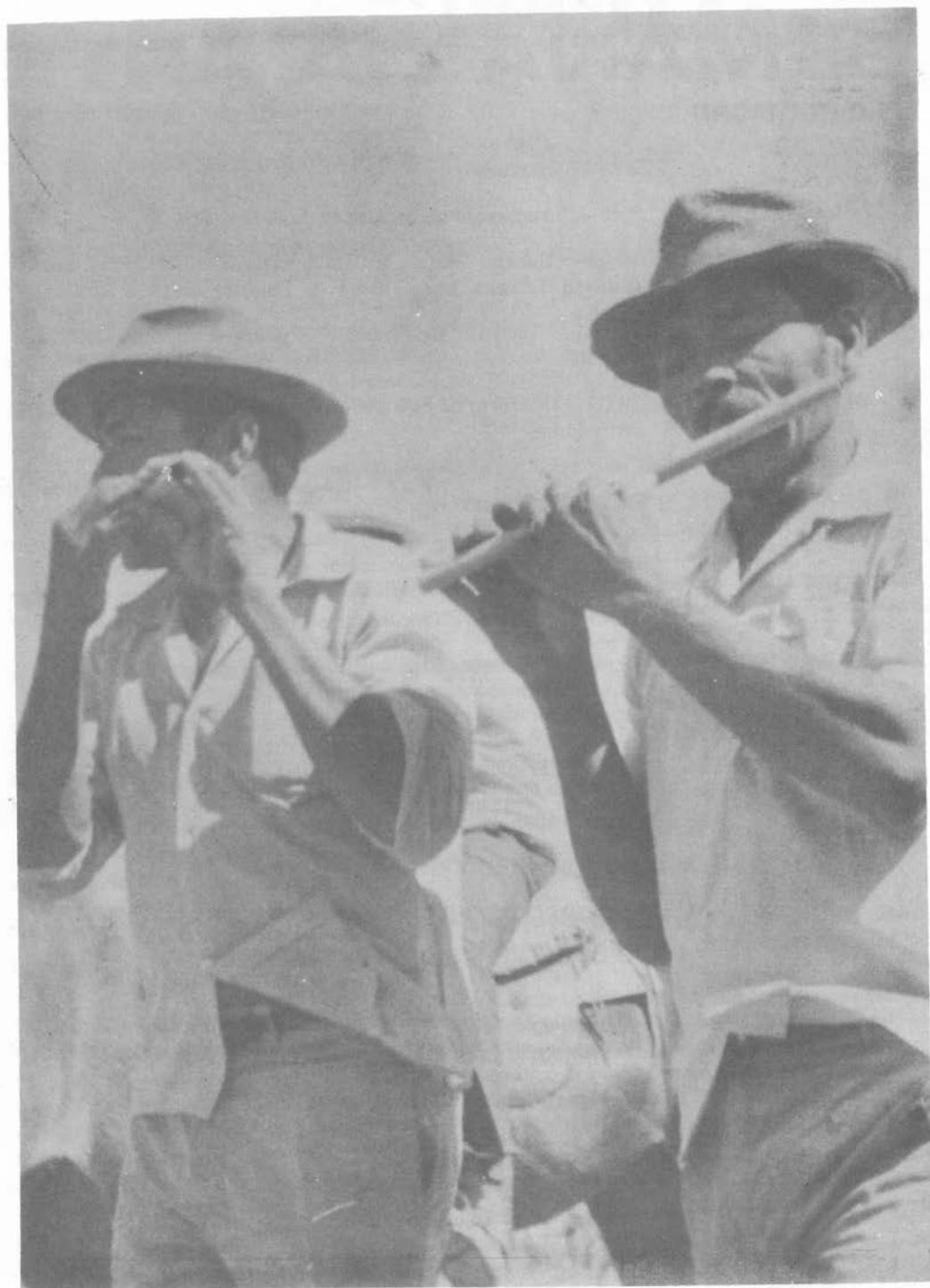
- 2ª feira – 25 – 9,45 – Inauguração da Exposição de Arte – Sala 21
11,00 – Debate: “Arte e Artista Brasileiros” Convidados: José Roberto Teixeira Leite, Maria de Lourdes Mader e Ziraldo.
20,30 – Teatro: “Calabouço” – Grupo Experimental São Vicente.
- 3ª feira – 26 – 9,00 – Concurso de Fotografia; Proclamação e Premiação dos vencedores.
Cinema: Filmes experimentais super – 8
Curta: “Rembrandt”
- 4ª feira – 27 8,10 – 3ª Ano – Cinema: “Semana de Arte Moderna” (trabalho de OSPB)
17,45 – 3ª Ano “Pintura Brasileira”. (trabalho de OSPB)
- 5ª feira – 28 9,45 – Atividades Plásticas no pátio. Todos os alunos, professores e funcionários convidados a participar.
- 6ª feira – 29 8,10 – 3ª Ano – Conclusão do Trabalho de OSPB: “Cultura Negra Brasileira”.
Exposição dos Trabalhos feitos na manhã de 5ª feira
13,00 – 3ª Ano – Partida para Mariana.
20,30 – Teatro: – Peça “ Calabouço”.

IV CONCURSO DE FOTOGRAFIAS 2º GRAU DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO

O Concurso deste ano, buscando estimular a pesquisa e a observação do folclore e da cultura brasileira, previu, no regulamento, a participação do **texto-legenda** no qual ficasse expressas as raízes e a importância cultural do tema abordado.

Foram considerados melhores trabalhos:

- 1 – Texto – Carlos Sandroni – 3ª C
- 2 – Foto – Adriana Campos Rodrigues – 3ª B
- 3 – Conjunto Texto Foto (Ricardo Chaves – 3ª B
Dois Vencedores – (Beatriz Becker – 1ª A
Foto-Texto: Adriana Campos Rodrigues



DO TRONCO QUE VEM DA TERRA
FIZESTE TEU INSTRUMENTO
TUA MANEIRA DE CARREGAR
DE EMBARCAR POR ESTA VIDA
COM O BALANÇO DAS MÃOS
O SOPRO DA BOCA
A VIRAÇÃO DOS DEDOS
ESCORREGAS POR ESTE PEDAÇO DE COISA VIVA
POR ESSA VARETINHA À TOA
QUE ENCANTA OS QUE OUVEM
E ENFEITIÇA OS QUE O ACOMPANHAM
JOGAS NELA TEUS SENTIDOS E VIVIDOS
PELO TEU GINGADO ELA VIBRA
NA TUA DANÇA ELA CANTA
DE CADA TOQUE
HARMONIAS SIMPLES E INGÊNUAS
INVADEM O AR QUE TE RODEIA
PENETRAM NOS OUVIDOS ATENTOS
ENTÃO, PASSOS TE PERSEGUEM
INSTINTOS SEGUEM TEU CHEIRO
CANTAM TEU SOM
QUE SUA DO TEU CORPO
QUE SOA DO TEU POVO;

Adriana Campos Rodrigues – 39 B

*A longínqua tribo do silvícola
Só existe no meio da mata
é só lá que se dança, se canta
e se luta pra festejar o kuarup*

*Nós que viemos das terras do leste
e que atravessamos a raiva dos mares
trouxemos o sêmen
— civilização —
do amor cristão*

*ah arrancamos
arrancamos*

*o homem da taba
que plantava mandioca e bebia cauim
agora só bebe cachaça e não planta mais nada
nem canta, nem dança —
e só luta pra sobreviver*

Tem o peito atravessado de estrada e doença

*Nós, que destemidos aqui nos instalamos
e possuímos a brancura da espuma dos mares
trouxemos o sêmen
— civilização —
do amor cristão*

*E hoje ensinamos pra nossos curumins na escola
que eles devem muito respeito
aos habitantes primeiros desta terra sem igual
— Meninos, ouvi:
é preciso preservar o patrimônio do folclore nacional.*

A ARTE DE SER PAI

Devia haver Faculdade pra formar Pai. É claro. Pai é uma das atividades mais generalizadas do mundo e não há uma só escola onde você possa fazer um curso completo, receber canudinho e dizer: "Estou formado. Me manda o primeiro cliente".

Pai é uma atividade na qual você só se forma, na prática. Não tem Teoria. E demora tempo pra que você se considere no fim do curso. É aí, no entanto, que vem o problema principal: quando você acredita que já está formado, craque para ser um Pai de verdade, o filho já está pronto. Nesta altura, se você quiser, pode frequentar alguns cursos — nunca uma Faculdade completa. E os cursos são muitos restritos: só servem pra responder àquela famosa pergunta: "Onde foi que eu errei?". E na verdade, curso nunca satisfaz muito a gente. Principalmente Pai, que vem de uma geração acostumada a tomar aulas sentado numa carteira e ouvindo o professor falar. Eles estranham muito quando as aulas são dadas com o aluno falando e o professor mudo. E além disto, em vez de sentado, deitado. Num divã.

Não é justo. Em Medicina você estuda seis anos numa Faculdade e só aí que a coisa começa. Durante o longo curso que você se prepara para conhecer profundamente o corpo humano e fazer grandes intervenções cirúrgicas, depois. E ninguém atrapalha o seu aprendizado. O objeto de seu estudo — nas aulas de Anatomia — fica lá, esticado na mesa, quietinho, banhado em formol. Nunca reage a um bom corte do seu bisturi de estudante. O filho, não. Não pára nunca. Você jamais consegue deixá-lo quieto numa cama pra ficar ali, dissecando o bruto, entendendo suas entranhas. Aliás, isso seria até pedir demais. No meu caso, eu queria apenas botá-los na cama. Pra dormir cedo.

Jamais consegui.

Não sei porque fui me meter nessa de ser pai. Eu devia ter sido Engenheiro. Se eu tivesse feito Engenharia, saberia hoje, direitinho, na ponta do lápis, no fim dos meus cálculos, se a ponte que eu planejei ia aguentar o trem.

Tentei planejar meu primeiro filho. Aliás, São José também. E dizem que, naquela noite em Belém, um pastor deu com São José encostado na porta do estábulo olhando pro céu, balançando a cabeça e dizendo: "Tsk, tsk!" o pastor perguntou: "O que houve com ele?" e o outro respondeu: "Ele queria menina!".

Quer dizer, já fez o vestibular tendo que ficar na segunda opção. Nunca dá exatamente como a gente quer.

Há porém, os que acreditam que não é bem assim, que a transa com o primeiro filho te ajuda a criar bem o segundo. Discordo. Filho é que nem programa do Ministério da Educação: cada novo ano — ou novo filho — muda todo o currículo. Você vai ter que adotar autores completamente diferentes, comprar novos livros, novos cadernos, passar tudo a limpo ou até mudar de colégio. Se, pelo menos todos os filhos fossem iguais, seria bem mais fácil. Quando é que vão, finalmente, resolver padronizá-los? Seria bom que os filhos compreendes-

sem essa falha do Sistema Mundial de Ensino com relação ao Pai e ficassem, desde cedo, certos de que eles não tem culpa por seu desespero.

Num trabalho que eu considero elogiável da minha parte, no sentido de procurar melhorar o mundo, eu vivo repetindo pra todo filho que eu vejo: "É preciso ter muita paciência com os pais", mas eles nunca me levam a sério.

Realmente seria exigir demais que uma criança pudesse entender que ela é alguma coisa que está ajudando a formar a personalidade de outra. Que veio ao mundo antes dela.

Sou obrigado a confessar, porém que há um momento em que o Filho entende isto com perfeição: justamente no momento que vira Pai.

Porisso é que as crianças gostam muito mais do Avô. Eu chamo isso de "alegria atávica da vingancinha". É que eles logo descobrem que o Avô é um cara que está chateando o cara que os chateia.

Pensando bem, é melhor desistir da idéia de se fazer uma Faculdade de Paternalidade. Vamos deixar a coisa como está, pois esse mundão de erros e acertos — ah, sim: às vezes a gente acerta — é que é, em verdade, a mola que move o mundo.

Outro dia, aí mesmo no colégio, estive falando sobre Arte. E para decepção de todos defendi a tese de que a Arte é uma questão de talento e não de aprendizado. Ninguém é um bom músico sem talento, ninguém será um grande pintor se não tiver muito talento, ninguém poderá cantar bem uma ópera se não tiver o chatíssimo talento pra tenor.

Aplico a minha discutida tese ao problema dos pais. E com mais razão. Como não há mesmo escola para nós, o êxito de nossos filhos, no que diz respeito ao seu êxito na relação com os pais e as boas consequências daí advindas — o que seria, no caso, a obra-de-arte acabada — depende é de talento mesmo. Tem cara que nasce com talento pra pai e tem cara que fica horas com o filho, domingo, no parque de diversões e volta pra casa com o menino chorando.

É isso. Espero que, com esse artigo, eu tenha prestado um grande serviço aos pais ainda em formação. Ele será lido por muitos filhos e pode ser que os meninos ajudem o papai nos deveres de casa.

Por outro lado, a decência, o amor à verdade e um grande sentimento de honestidade me obrigam a confessar que, com todas as minhas queixas, tenho que admitir que a atividade de Pai não é a mais difícil do mundo. Foi exagero da minha parte, mania de lamentação. Existem outras atividades mais difíceis.

Por exemplo: devia haver Faculdade pra formar Filho.

sexta série faz teatro

As turmas 61-62-63-64 realizaram uma experiência nova, este ano, em Comunicação: Teatro. O objetivo principal de Teatro em Educação é desenvolver uma série de atividades como expressão oral, capacidade de concentração, autodisciplina. Não se deve confundir Teatro em Educação com Teatro Infantil. O Teatro na Escola é feito "por crianças e não" para crianças. O aluno deve agir, e não ficar numa atitude de simples espectador.

Sendo o teatro uma atividade essencialmente de grupo, notou-se uma total integração entre os alunos, o que resultou num trabalho responsável. Poderíamos dizer até, que este foi "o ponto máximo" do trabalho que se propôs a fazer. Os alunos que se mostravam "fechados" e que se negavam a trabalhar em grupo tiveram participação ativa. Notou-se uma integração não só do aluno no seu grupo, como também dos grupos entre si. Não houve uma participação competitiva, mas solidária. Como ilustração, podemos ressaltar o exemplo das turmas que reuniram os trabalhos de iluminação e cenário de todos os grupos para um resultado mais positivo.

A peça foi: "O Menino e o Vento" de Maria Clara Machado. Cada grupo escolheu a cena que mais lhe agradava e se incumbiu totalmente de sua apresentação: cenários, figurinos, distribuição de papéis, ensaios, etc.

A CHAMA, que teve a oportunidade de presenciar a montagem do cenário por um dos grupos, lamentou a ausência de um fotógrafo para captar o desembaraço dos artistas que, num passe de mágica, conseguiram, em poucos minutos, transformar o palco vazio em um magnífico ambiente de floresta com troncos e abundante folhagem natural. E o que dizer do Vento com suas esvoaçantes vestes verdes, sua barriga respeitável e as longas barbas onde se adivinha uma disfarçada peruca materna?

Apenas duas mães assistiram ao espetáculo e lastimaram sinceramente que outras ali não estivessem para incentivar e aplaudir seus filhos nessa demonstração de capacidade criativa e de perfeito trabalho de equipe.

ANIVERSÁRIO DO DIRETOR

Dia 26 é o aniversário do Padre Almeida. Haverá, como de costume, missa no Colégio às 20,30 h seguida do tradicional bolo. Mas a Diretoria eleita da APM resolveu promover um almoço íntimo na residência do novo casal Vice-Presidente: Lucinha e Francisco Albuquerque. Mais uma oportunidade de convivência da Diretoria que sai com a Diretoria que entra.

UM MERGULHO NA HISTÓRIA

Quem leu o célebre Minotauro de Monteiro Lobato conhece bem o poder maravilhoso do pó de pirlimpimpim, que, em poucos segundos, conduz quem o aspira à época histórica desejada.

Revivemos a sensação mágica dos personagens do Sítio do Pica-pau Amerelo ao penetrarem no século de Péricles, quando amanhecemos em São João del-Rey na excursão promovida pela APM.

A partir do momento em que descemos na Faculdade dom Bosco começamos a viver o nosso mergulho na História. Eramos um grupo heterogêneo: adultos, jovens e crianças. Uma faixa etária cuja escala variava dos 11 aos 62 anos. Mas o espírito de aventura e o interesse por tudo aquilo que iríamos ver, irmanou a todos num desejo frenético de aproveitar ao máximo a oportunidade que nos fora dada.

Perdemos a noção do tempo. O retorno ao passado foi tão intenso que nos vimos de repente participantes do ciclo do ouro, envolvidos pelo fascínio das Minas Gerais. Os acontecimentos do Brasil Colonial se desenrolavam aos nossos olhos fixados nos museus, nos monumentos e nas maravilhas da arte barroca característica das Igrejas da época. São João del-Rey, Tiradentes, Ouro Preto, Mariana, Santa Bárbara, Congonhas do Campo. O mito e a realidade se fundem ou se confundem na narração corrida e detalhada dos pequenos guias que brotam por toda parte.

Belo Horizonte foi uma experiência diferente que nos trouxe por pouco tempo ap dinamismo do século XX. A descida (ou subida) da Ladeira do Amendoim foi uma sensação divertida. E a Feira Hippie um paraíso para compras; não só pela originalidade e variedade do artesanato apresentado, mas pelos preços tentadores.

Nosso verdadeiro objetivo, entretanto, era o Caraça, fundado em 1774, pelo Irmão Lourenço. Impossível expressar a emoção que domina o visitante, quando vê surgir, no meio da densa vegetação, a imponente silhueta do colégio com sua Igreja gótica e as ruínas do incêndio que o destruiu parcialmente em 1968.

Os padres Guerra, Almeida e Tobias, este



atual Diretor do Caraça, foram incansáveis em todos os sentidos: em gentilezas, em informações e sobretudo nos fazendo passeios que iam, aos poucos, nos fazendo perder o fôlego e que pareciam para eles a caminhada mais fácil do mundo.

Depois do asfaltamento dos últimos 20 km da estrada, ocorrido em agosto deste ano, o Caraça tornou-se centro de intensa movimentação turística, recebendo, em média, a visita de mil pessoas em cada fim de semana.

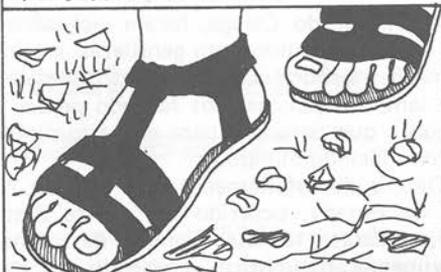
Observa-se, entretanto, que obras urgentes devem ser feitas para a conservação do prédio, bastante danificado depois do incêndio. Para citar apenas um exemplo: o Museu, que possui objetos de grande valor histórico, está reduzido a um único cômodo. Uma verba destinada à restauração do mesmo não foi recebida até hoje. A CHAMA faz aqui um apelo a algum pai de aluno que tenha relação, direta ou indireta, com o Patrimônio Histórico para que interceda em favor da liberação de auxílio substancial, adequado às necessidades de preservação deste famoso Colégio, onde estudaram tantas personalidades ilustres da vida política e intelectual do Brasil. O momento nos parece oportuno, justamente agora quando se procura incentivar o turismo interno.

A lembrança que nos ficou desta excursão foi sumamente agradável. Uma das crianças observou que foi o acontecimento mais extraordinário de sua vida. O ambiente de alegria e fraternidade que se criou logo no início foi aumentando gradativamente, sobretudo depois que o Padre Almeida se incorporou ao grupo. Seu entusiasmo contagiou a todos e o percurso da viagem foi permanentemente animado por muita cantoria e muita piada, tendo qualquer um acesso livre ao microfone.

Para que outros pais possam viver experiência semelhante, a APM pretende organizar, no próximo ano, outras excursões deste gênero. Pensem desde já e reservem, em 77, alguns dias para o seu "Mergulho na História".

Quadrinhos

*Flouve um homem
nestas terras*



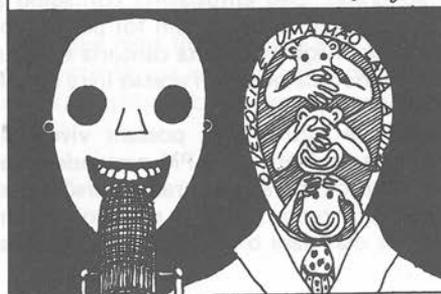
o poder



mas apenas a justiça



E não por demagogia

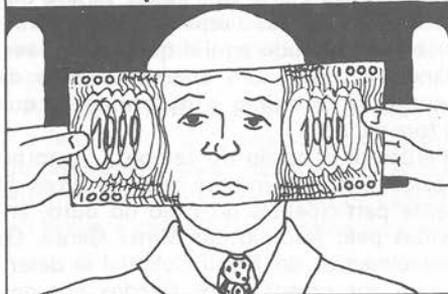


O CRIME *por culpa*

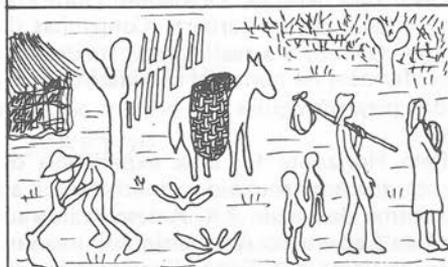
que não queria para si



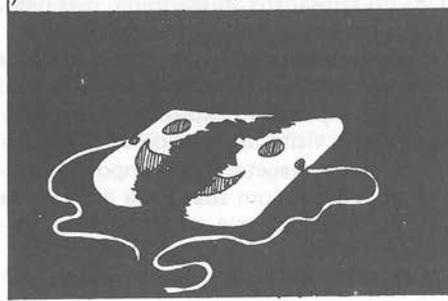
ou a glória



*para os que lhe eram
semelhantes.*



pois ele era pela verdade.



Mas os que estavam no poder,



não podiam deixá-lo viver.



A seus olhos porém,



Porque atentara contra a hipocrisia,



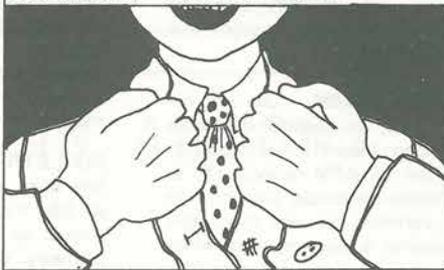
os que queriam a glória,



mesmo não tendo cometido crime algum.



o maior crime ele já tinha cometido.



a riqueza, o status, o poder e a glória pessoal, ao pregar a Verdade.



VICE
BIBLIOTECA

FIM
Julho 78



ELEIÇÕES — Realizadas no dia 25 de outubro, as eleições deste ano permitiram avaliar o grau de penetração da CHAMA. Às 21h foi aberta a urna na presença do Diretor do Colégio, da Diretoria da APM e de muitos casais que apareceram — alguns pela primeira vez — para participar da votação e do chopp com batata frita.

Grande surpresa: quase 400 votos, caso inédito na história da APM. Foram indicados para o biênio 77/78:

— Casal Presidente: Isis e Atila de Figueiredo Neves

— Casal Vice-Presidente: M. Lúcia e Francisco Albuquerque

— Casal Diretor de Promoções: Vera e Sérgio Coelho Gomes

Os eleitos tomarão posse em março de 1977 na reunião dos "Pais Novos"; mas, passaram desde logo a comparecer às reuniões da Diretoria para irem, aos poucos, tomando contato com os encargos que irão assumir.

HOMENAGEM — Dia 3 de dezembro, aniversário do Padre Guerra, magnífico cicerone do grupo da APM na excursão às cidades históricas. retribuindo o carinho que nos dispensou durante a viagem, resolvemos promover neste dia uma reunião para homenageá-lo e projetar os slides tirados por cada um dos participantes. É nossa intenção organizar um audiovisual a fim de motivar os pais de alunos para as excursões que a nova Diretoria pretende organizar no próximo ano.

NATAL DA AEC — Para quem ainda não sabe AEC significa Associação dos Educadores Católicos, entidade que acaba de reeleger para seu Pre-

sidente, por mais três anos, o nosso Diretor Padre Almeida. Lentamente, num esforço contínuo e discreto, ele vai reorganizando a Associação e procurando incentivar a troca de experiências educacionais vividas pelos colégios. A CHAMA portadora da mensagem e da filosofia educacional do São Vicente é enviada a todos os associados. A confraternização de Natal da AEC será no dia 22, no Colégio Santa Marcelina, onde além da missa de ação de graças, da troca de presentes do amigo oculto e do lanche classe A, oferecido pelas irmãs, esperamos ansiosos pelo show espetacular da fabulosa irmã Ângela, que consegue imitar com perfeição qualquer tipo de instrumento musical.

SUPLETIVO — Iniciado há três anos e meio, o Supletivo do São Vicente vai ter agora a alegria de ver formada a sua primeira turma do 1º grau. Entre os que terminam o curso duas irmãs do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, o irmão Narciso que trabalha e reside na Casa Central dos Padres Lazaristas e o nosso querido Chocolate, super conhecido de todos os que frequentam o São Vicente. A CHAMA cumprimenta a todos desejando que

tirem bom proveito do que aprenderam e fazendo votos para que consigam progredir continuamente no rumo que escolherem.

FORMATURAS — Com Celebração Eucarística às 20h, na Igreja de São Judas Tadeu e confraternização no Colégio as turmas de 8ª série do 1º grau e de 3ª série do 2º grau encerram mais uma etapa de sua vida escolar. A comemoração da 8ª série foi no dia 15 de dezembro e da 3ª série no dia 17. Para os que vão enfrentar as torturas do Vestibular a CHAMA deseja que saibam conservar bastante tranquilidade para que possam colher com êxito o resultado dos esforços despendidos durante o ano.

MISSA DE NATAL — Meia noite do dia 24, missa no refeitório do Colégio para celebrar no ambiente da família vicentina esta festa de paz e esperança. A presença dos pais de alunos será sempre bem recebida. Temos que nos unir para nos conhecermos melhor e aumentar o número daqueles que normalmente frequentam as realizações do Colégio.

ANIVERSÁRIO — 23 de dezembro, aniversário do Padre Nogueira, assistente eclesialístico das Senhoras da Caridade, que farão celebrar missa em ação de graças, às 15h, no "Casarão", denominação carinhosa dada à sede onde a APM e as Senhoras da Caridade tem o seu ponto de encontro. O convite é extensivo a todas as mães de aluno que já colaboraram ou que pretendem colaborar na obra de assistência aos pobres orientada pelo Padre Nogueira.

Dr. GILSON DANTAS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

VACINAS E NEBULIZAÇÕES



CONSULTÓRIO
LARGO DO MACHADO, 29 S/511
GALERIA CONDOR

DE 2.^a A 6.^a FEIRA DAS 15 ÀS 19 H.
HORA MARCADA
TEL. 205-1548

MAGAZIN ANTONY



TUDO EM
UNIFORMES COLEGIAIS
MENINOS E MENINAS
CONFECÇÕES ESMERADAS

Rua Machado de Assis, 74 - Loja D
(Próximo ao Largo do Machado)



A CHAMA
Volume VI – Nº 17
dezembro de 1976
Rua Cosme Velho, 241
Laranjeiras – 20.000
Rio de Janeiro

NÃO HÁ LUGAR!



NÃO HÁ LUGAR!
(PRÁ NÓS E O MENINO)



219
1
A chama

ed. 17